A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE GÊNERO: UMA ANÁLISE CRÍTICA E CAMINHOS PARA UMA SOCIEDADE INCLUSIVA

SORAIA SANTANA MOTA

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir a evolução da compreensão do conceito de gênero, destacando como as dimensões sociais e culturais têm moldado essa noção ao longo do tempo. Para realizar esta pesquisa, será utilizado um levantamento bibliográfico como método através do qual o conhecimento necessário pode ser obtido por meio da leitura e análise de fontes impressas e digitais. O resultado do trabalho é uma análise crítica que ressalta como o gênero é uma construção social e não está diretamente vinculado à biologia. O trabalho enfatiza a importância de compreender o gênero como algo forjado pelas experiências sociais e históricas, evitando estereótipos prejudiciais. Por fim, a promoção da diversidade, o empoderamento das meninas e minorias de gênero, a prevenção do bullying e da discriminação, o desenvolvimento de empatia e respeito, bem como a preparação para um mundo diverso, são aspectos fundamentais na busca por uma sociedade mais justa e inclusiva. Reconhecer e valorizar as diferenças é crucial para construir um ambiente onde todos se sintam respeitados e capacitados a contribuir para o bem comum.

PALAVRAS-CHAVE: Construção Social; Evolução; Gênero.

1. INTRODUÇÃO

O conceito de gênero como uma construção cultural desempenha um papel fundamental no empoderamento e tem impactos significativamente positivos no processo educativo de crianças e adolescentes. Gênero refere-se às normas, papéis e expectativas socialmente atribuídas a indivíduos com base em sua identidade de gênero, que pode ser masculina, feminina, não binária, entre outras. Essas normas e expectativas variam em diferentes culturas e ao longo do tempo, e são, em grande parte, construídas pela sociedade.

A definição de gênero em termos gramaticais visa originalmente distinguir as diferenças entre os sexos masculino e feminino, bem como quaisquer outros elementos relacionados às características sexuais. No entanto, ao longo do tempo, o movimento feminista introduziu outras dimensões e interpretações a esse conceito. Como a historiadora Scott (1995) relata, as feministas americanas começaram a conceber o gênero como uma construção social que organiza as relações entre os sexos. Posteriormente, passaram a empregar termos para indicar distinções sociais baseadas no sexo, ao mesmo tempo em que rejeitavam o determinismo biológico subjacente ao termo "sexo". Essa mudança fundamental no entendimento do gênero e sua relação com a biologia desencadearam uma série de transformações na sociedade.

Além disso, é importante destacar a relevância do combate aos estereótipos de gênero, que estão intrinsecamente ligados à discriminação e ao preconceito enfrentados pelas mulheres. Estes estereótipos são baseados em crenças sobre o que significa ser mulher ou homem, o que pode resultar em desinformação, repressão e exclusão. A promoção da diversidade, o empoderamento das meninas e das minorias de gênero, a prevenção do bullying e da discriminação, o desenvolvimento de empatia e respeito, bem como a preparação para um mundo diverso, são aspectos cruciais na busca por uma sociedade mais justa e inclusiva.

O objetivo deste trabalho é discutir a evolução da compreensão do conceito de gênero, destacando como as dimensões sociais e culturais têm moldado essa noção ao longo do tempo.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Compreensão de gênero

A definição de gênero em termos gramaticais tem o propósito de distinguir a diferença entre os sexos masculino e feminino, bem como qualquer outro elemento relacionado a características sexuais. Com o passar do tempo, o movimento feminista introduziu outras dimensões e interpretações a esse conceito. De acordo com a historiadora Scott (1995), feministas americanas começaram a conceber gênero como uma construção social que organiza as relações entre os sexos. Posteriormente, passaram a empregar termos para indicar distinções sociais fundamentadas no sexo, ao mesmo tempo em que rejeitavam o determinismo biológico subjacente ao termo "sexo".

O termo "sexo" se refere às características biológicas inerentes ao homem e à mulher, enquanto "gênero" é utilizado para denotar as características socialmente moldadas que estabelecem a definição de masculino e feminino em diferentes culturas (ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD, 1993 apud MESQUITA FILHO; EUFRÁSIO; BATISTA, 2011, p. 555).

Nessa perspectiva, Butler (2008) argumenta que o conceito de gênero foi reformulado em oposição à dimensão biológica ligada ao sexo, eliminando a biologia como um destino predeterminado. Nesse sentido, o gênero passou a ser considerado

como algo inerente ao sexo de nascimento, a partir do qual o indivíduo seria integrado na sociedade e moldado por suas respetivas experiências de socialização. Dessa forma, essa estrutura social surge, dando origem à naturalização da desigualdade entre homens e mulheres.

Portanto, o conceito de gênero se manifesta como uma ferramenta para enfatizar que as diferenças de natureza sexual não estão diretamente vinculadas às diferenças sociais entre homens e mulheres, mas sim à cultura social que perpetua e torna natural a questão.

[...] A concepção de que o gênero é uma construção sugere a existência de um certo determinismo nos significados de gênero, os quais estariam inscritos nos corpos com características anatômicas distintas. Esses corpos seriam considerados meros receptáculos passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a "cultura" em questão, que está "construindo" o gênero, é vista sob a ótica dessa lei ou conjunto de leis, isso pode criar a impressão de que o gênero é tão rígido e fixo quanto a ideia de que a biologia é o destino. Nesse contexto, não é mais a biologia, mas sim a cultura que se torna o destino (BUTLER, 2008, p. 26).

Seguindo essa perspectiva, o gênero é entendido como uma construção social. Isso significa que, independentemente do sexo biológico, um corpo que nasce com órgãos genitais femininos, como a vagina, não é automaticamente considerado uma mulher. É a construção social na sociedade que irá determinar essa classificação. Essa abordagem teórica é compartilhada pela autora Simone de Beauvoir (1970), que proclamou: "Não se nasce mulher, torna-se mulher". Embora haja nuances nas interpretações de Butler e Beauvoir, ambas concordam que o gênero é construído e definido pela imposição cultural e social (BEAUVOIR, 1970, apud BUTLER, 2008, p. 26).

Dentro desse contexto, considerando que a imposição cultural influencia o gênero e a identidade, podemos afirmar que:

De acordo com está definição, nossas identidades culturais são moldadas pelas experiências históricas compartilhadas e pelos códigos culturais que nos fornecem, como uma "comunidade unificada", estruturas de referência e significado estáveis, que permanecem constantes mesmo diante das mudanças superficiais e das vicissitudes de nossa história real. Essa "unidade" subjacente transcende todas as divisões contingentes e as flutuações de nossa história concreta (HALL, 2003, p. 68).

É relevante ressaltar o pensamento do filósofo Michel Foucault (1926-1984), que enfatiza que a sexualidade, por exemplo, não é algo intrinsecamente definido, mas é moldada social e historicamente. Consequentemente, não existe uma subjetividade única e universal. O que é considerado normal ou patológico, racional ou irracional, bom ou ruim, certo ou errado, está sempre sujeito às influências históricas (FOUCAULT, 2007).

Portanto, podemos concluir que o conceito de gênero é forjado a partir das experiências sociais e do contexto histórico, o que implica que não existe uma rigidez na dualidade de gênero, mas sim que a sociedade, em determinado momento, estabelece e defende uma determinada perspectiva.

2.2 Que é estereótipo e o que ele carrega?

Conforme destacado por Oliveira e Souza (2006), os preconceitos relacionados ao gênero e ao sexo estão intrinsecamente vinculados à discriminação e aos comportamentos violentos enfrentados pelas mulheres. Essa violência origina-se de visões preconceituosas e sexistas em relação às mulheres, desempenhando um papel relevante nas atitudes agressivas.

É possível abordar o preconceito como uma manifestação negativa de hostilidade direcionada a grupos sociais. Nesse contexto, Fiske (1998) identifica que esse fenômeno apresenta diversos componentes, incluindo o cognitivo, expresso por meio de estereótipos; o afetivo, que constitui o próprio preconceito; e o comportamental, que se traduz em atos discriminatórios.

A palavra "estereótipo" tem origem nas palavras gregas "stereo" (rígido) e "tipo" (traço), sugerindo a ideia de "tornar fixo e inalterável" (FERREIRA, 2000). Ao analisar os diversos elementos que compõem os estereótipos, é essencial ir além de sua definição formal e perceber o termo como um processo contínuo. Nesse contexto, pode-se afirmar que um estereótipo é um processo de formação de impressões que engloba avaliações afetivas, morais e instrumentais sobre uma pessoa, exercendo a capacidade de orientar o percebedor em suas interações sociais (BELO et al., 2005).

Nesse cenário, os estereótipos se baseiam em particularidades negativas sutis ou evidentes que caracterizam os membros de determinados grupos sociais, como aqueles motivados por diferenças de raça, gênero, orientação sexual, religião, nacionalidade, etnia e ideologia (FERREIRA, 2004).

Essas questões podem resultar em desinformação, que, por sua vez, contribui para a perpetuação da repressão, violência e exclusão por parte da sociedade que não compreende ou não aceita as pessoas em sua diversidade.

Nesse contexto, Roso et al. (2002, p. 72) acrescentam que "as pessoas

são esperadas a se conformar com a maioria [...] ou serão consideradas desviantes, mal ajustadas ou à margem. É nesse contexto de opressão que os estereótipos emergem e se solidificam".

De acordo com Bhabha (2007), os elementos que compõem o estereótipo possuem a capacidade de refletir as características históricas e sociais. O autor descreve o estereótipo como "um tipo de conhecimento e identificação que oscila entre o que está constantemente 'no lugar', já familiar, e algo que deve ser repetido com ansiedade."

Essa dualidade, segundo Bhabha (2007, p. 106), "garante a repetibilidade do estereótipo em contextos históricos e discursivos mutáveis, servindo de base para estratégias de individualização e marginalização."

Outros estudiosos também observam que algumas características associadas aos estereótipos de gênero se encaixam em dois amplos grupos, com base na semelhança dos traços com a construção sociocultural dos conceitos de masculinidade e feminilidade. Dessa forma, traços individualistas ou instrumentais (como independente, agressivo, racional) são considerados pertinentes à masculinidade, enquanto traços coletivistas ou expressivos (como amorosa, sensível, delicada) são associados à feminilidade (ROSO et al., 2002, p. 163).

Nesse contexto, Bhabha (2007) argumenta que o estereótipo não é uma mera simplificação porque representa falsamente uma realidade específica. Em vez disso, ele explica que o estereótipo é uma simplificação porque é uma forma rígida e fixa de representação que, ao negar a complexidade das diferenças, cria um problema na representação do sujeito nas dinâmicas de significados nas esferas psicológicas e sociais.

No que diz respeito à sociedade patriarcal, ao preconceito, ao sexismo e à discriminação, é relevante observar que:

Dentre as várias maneiras pelas quais o preconceito se manifesta, encontra-se o sexismo, que envolve avaliações negativas e práticas discriminatórias direcionadas às mulheres. Isso pode se manifestar de forma institucional, como em políticas salariais diferenciadas, ou de maneira interpessoal. No entanto, é importante notar que a primeira cria um ambiente cultural propício para a segunda. O sexismo, em grande parte, é uma herança da cultura patriarcal, ou seja, uma ferramenta utilizada para manter as diferenças de gênero, e é legitimado por atitudes que desvalorizam o sexo feminino, atitudes essas que se desenvolvem ao longo do curso da vida, muitas vezes apoiadas por instrumentos legais, médicos e sociais que as normalizam (FERREIRA, 2004 apud MESQUITA FILHO; EUFRASIO; BATISTA, 2011, p. 556).

Portanto, os estereótipos podem ser considerados uma estrutura para simplificar as características de um determinado grupo e são baseados em crenças sobre o que significa ser mulher ou homem. Além disso, essas crenças podem se estender a outras variáveis, como religião, estado civil dos pais, nível de escolaridade, renda familiar, cor da pele, hábitos como tabagismo e consumo de bebidas alcoólicas e drogas, histórico de violência, entre outros. Todos esses aspectos também devem ser considerados na análise dos estereótipos (MESQUITA FILHO; EUFRASIO; BATISTA, 2011).

Na esfera da publicidade, é evidente que os estereótipos desempenham um papel na perpetuação e normalização das dinâmicas de poder e opressão relacionadas às questões de gênero. Isso ocorre por meio da representação dos papéis sociais de mulheres e homens. As características socialmente atribuídas a cada gênero refletem uma visão em que as mulheres são retratadas como seres delicados, emotivos, confusos e frágeis, enquanto os homens são representados como fortes e desapegados. A construção desses estereótipos de gênero nas campanhas e peças publicitárias geralmente contrasta as mulheres com os homens, reforçando assim os papéis sociais e comportamentos culturalmente impostos.

Em termos gerais, a publicidade reforça a visão androcêntrica, retratando as mulheres como seres emotivos, passivos, dóceis ou sensuais, enquanto os homens são apresentados como sujeitos racionais, viris e provedores do lar. É importante notar que as representações femininas nos anúncios são aceitas em grande parte devido à sua conformidade com as percepções dominantes, o que as torna parecer "naturais" para a maioria do público (SILVA, 2003, p. 4).

Essas questões são frequentemente incorporadas na criação de anúncios. Apesar de não expressarem ideologias intencionais, a indústria publicitária muitas vezes resiste a fazer mudanças significativas. Conde e Hurtado (2006 apud OLIVEIRA-CRUZ, 2017, p. 2) argumentam que os anúncios publicitários desempenham um papel fundamental na perpetuação da desigualdade de gênero e da discriminação sexual.

Corrêa (2012) ressalta que identificar estereótipos de gênero na publicidade não é uma simples queixa ou denúncia, mas sim uma observação crítica das narrativas persistentes que envolvem os papéis sociais de homens e mulheres na cultura. Isso implica que existe a possibilidade de quebrar essa narrativa e, consequentemente, desmantelar os estereótipos de gênero, mas isso requer esforços em várias esferas sociais.

Os preconceitos e discriminações estão profundamente arraigados em nossas mentalidades e no imaginário coletivo de nossa sociedade. Eles permeiam nosso

cotidiano, moldam nossos comportamentos, atitudes e práticas sociais. Integrá-los requer um processo deliberado, sensível e sistemático de desnaturalização, conscientização, reflexão e ação em níveis tanto pessoais quanto coletivos. Esse processo aborda diversos aspectos, abrangendo o cognitivo, o afetivo, o simbólico, o cultural e o político-social.

As mulheres têm conquistado reconhecimento em uma ampla variedade de campos profissionais e esferas do conhecimento. No entanto, ainda é notável a persistência de representações que as associam predominantemente a papéis tradicionais em anúncios publicitários, como donas de casa. Isso ocorre especialmente em campanhas relacionadas a produtos de limpeza, lavagem de roupas, maternidade e atividades semelhantes. Ao direcionar suas mensagens para um público-alvo específico, as empresas muitas vezes consideram as mulheres como o grupo destinatário principal (TEIXEIRA; DUMONT, 2009, p. 102).

Da mesma forma, os homens são frequentemente destacados em peças publicitárias relacionadas a produtos esportivos, automóveis e outros itens. No entanto, também é comum a presença de mulheres em comunicações voltadas para o público masculino.

Em produtos destinados principalmente ao público masculino, como automóveis e bebidas alcoólicas, as mulheres são retratadas como "objetos de desejo" masculino. Nesses casos, é importante ressaltar que as mulheres representadas como objetos de desejo são tipicamente conformes aos padrões estéticos predominantes e são retratadas como coadjuvantes ou como um "prêmio" a ser desfrutado em relação ao consumo do produto anunciado (CORREA; MENDES, 2015, p. 138).

Essas representações sociais de gênero muitas vezes reforçam a ideia de que as mulheres devem se conformar com papéis tradicionais, como o de dona de casa, enquanto simultaneamente as objetificam em campanhas voltadas para um público masculino, promovendo assim o sexismo e a erotização feminina para satisfazer o público masculino.

2.3 Promoção da Diversidade

A promoção da diversidade é um imperativo social e cultural que desempenha um papel fundamental nas sociedades modernas. A diversidade envolve a aceitação e valorização das diferenças entre os indivíduos, sejam elas de natureza étnica, cultural, racial, de gênero, orientação sexual, religião, habilidades, entre outras. Trata-se de reconhecer que cada pessoa é única e merece respeito, dignidade e igualdade de oportunidades (SMITH, 2020).

A promoção da diversidade é essencial para a construção de sociedades mais justas e inclusivas. Ela não apenas enriquece a cultura e o tecido social, mas também impulsiona a inovação e o desenvolvimento. Quando as diferenças são valorizadas e respeitadas, cria-se um ambiente em que todos se sentem incluídos e capacitados a contribuir plenamente para a comunidade (SMITH, 2020).

No entanto, a promoção da diversidade não é apenas uma questão de retórica, mas sim de ação concreta. Isso envolve a implementação de políticas inclusivas, a eliminação de preconceitos e discriminações e a garantia de igualdade de acesso a oportunidades educacionais, profissionais e sociais para todos. Também requer um compromisso contínuo com a educação e sensibilização da sociedade sobre a importância da diversidade (SMITH, 2020).

A promoção da diversidade é um princípio orientador que sustenta sociedades mais justas e inclusivas. É um compromisso constante de reconhecer, respeitar e valorizar as diferenças que tornam cada pessoa única. Através da promoção da diversidade, podemos criar um mundo mais igualitário, onde todos têm a oportunidade de prosperar e contribuir para o bem comum.

2.4 Empoderamento das meninas e das minorias de gênero

O empoderamento das meninas e das minorias de gênero é uma questão crucial na sociedade contemporânea. Este processo envolve o fortalecimento do poder de ação e voz das meninas, bem como de todos os grupos marginalizados devido à sua identidade de gênero. Em um mundo historicamente dominado pelo patriarcado e pela desigualdade de gênero, o empoderamento se torna uma ferramenta essencial para a promoção da igualdade e da justiça (JOHNSON, 2019).

O empoderamento das meninas e das minorias de gênero inclui o acesso à educação de qualidade, a eliminação de estereótipos de gênero prejudiciais e a criação de oportunidades iguais em todas as esferas da vida. As meninas e as minorias de gênero devem ser capacitadas a tomar decisões informadas sobre suas vidas e a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades (JOHNSON, 2019).

Além disso, o empoderamento desses grupos exige uma mudança cultural profunda, na qual a sociedade reconhece a importância da diversidade de gênero e respeita a autodeterminação de cada indivíduo em relação à sua identidade de gênero. Ao promover o empoderamento, estamos construindo um mundo mais inclusivo, onde todas as pessoas, independentemente de seu gênero, têm a oportunidade de alcançar seu

pleno potencial (JOHNSON, 2019).

2.5 Prevenção do bullying e da discriminação

A prevenção do bullying e da discriminação é um tema de extrema importância na sociedade atual, especialmente no contexto escolar. O bullying, que envolve comportamentos repetitivos e prejudiciais, como agressões verbais e físicas, é um problema que afeta muitas crianças e adolescentes, causando danos emocionais e psicológicos (SMITH; STEFFGEN, 2013).

Da mesma forma, a discriminação, que se manifesta com base em características como raça, gênero, orientação sexual, entre outras, perpetua desigualdades e prejudica a coesão social.

A prevenção desses problemas requer a implementação de estratégias educacionais que promovam a empatia, a inclusão e o respeito às diferenças. Programas escolares que ensinam habilidades socioemocionais, como comunicação não violenta e resolução de conflitos, desempenham um papel fundamental na prevenção do bullying e da discriminação. Além disso, é essencial que as escolas tenham políticas claras e eficazes para lidar com incidentes de bullying e discriminação, promovendo um ambiente seguro e acolhedor para todos os alunos (SMITH; STEFFGEN, 2013).

A prevenção do bullying e da discriminação não é apenas responsabilidade das escolas, mas de toda a sociedade. É importante que pais, cuidadores e comunidades locais estejam envolvidos nesse esforço, promovendo valores de igualdade e respeito desde cedo. Com a conscientização e a ação contínua, podemos criar um ambiente em que o bullying e a discriminação se tornem cada vez menos tolerados e, eventualmente, sejam erradicados (SMITH; STEFFGEN, 2013).

2.6 Desenvolvimento de empatia e respeito

O desenvolvimento de empatia e respeito é fundamental para promover relações saudáveis e construtivas em nossa sociedade. A empatia envolve a capacidade de compreender e compartilhar os sentimentos dos outros, enquanto o respeito implica reconhecer o valor intrínseco de cada indivíduo, independentemente de suas diferenças (DAVIS, 2016).

Várias pesquisas destacaram a importância do desenvolvimento da empatia e do respeito, não apenas para melhorar as interações interpessoais, mas também para promover um senso de comunidade e coesão social. Estudos têm mostrado que a empatia pode ser ensinada e cultivada desde a infância por meio da educação e de práticas que estimulam a compreensão dos sentimentos alheios. O respeito, por sua vez, envolve reconhecer e valorizar a diversidade, promovendo a igualdade e a justiça (DAVIS, 2016).

Para alcançar o desenvolvimento da empatia e do respeito, é fundamental que escolas, famílias e comunidades trabalhem juntas. Programas de educação socioemocional, como o desenvolvimento de habilidades de comunicação e resolução de conflitos, podem ser incorporados nas escolas para ensinar às crianças e aos adolescentes a importância da empatia e do respeito. Além disso, a promoção de ambientes inclusivos, onde as diferenças são celebradas, desempenha um papel crucial no cultivo do respeito (DAVIS, 2016).

O investimento no desenvolvimento da empatia e do respeito é uma contribuição valiosa para a construção de uma sociedade mais justa e harmoniosa, onde todos possam se sentir valorizados e compreendidos (DAVIS, 2016).

2.7 Preparação para um mundo diverso

A preparação para um mundo diverso é um desafio significativo que enfrentamos na atualidade. A globalização, a migração e a interconectividade tornaram nosso mundo mais multicultural do que nunca. Nesse contexto, a educação desempenha um papel fundamental na preparação de indivíduos para compreender, respeitar e prosperar em um ambiente diverso (BYRAM, 2008).

Uma abordagem eficaz envolve a promoção da consciência intercultural, que capacita as pessoas a se engajarem de forma significativa com indivíduos de diferentes origens culturais. Isso pode ser alcançado por meio da educação global, que incentiva a compreensão das questões globais, da diversidade cultural e do respeito pelas diferenças (BYRAM, 2008).

Para preparar os alunos para um mundo diverso, é essencial promover uma mentalidade aberta e inclusiva desde cedo. Isso pode ser feito nas escolas por meio da inclusão de currículos que abordem temas de diversidade, história e cultura, e por meio de programas que incentivem a empatia e o respeito (BYRAM, 2008).

A literatura também desempenha um papel vital na preparação para um mundo diverso, permitindo que os leitores explorem perspectivas e realidades diferentes. Leituras que destacam personagens e cenários diversos promovem uma compreensão mais profunda e empática das experiências de outras pessoas (BYRAM, 2008).

Para criar uma sociedade preparada para um mundo diverso, é necessário um esforço coletivo que envolva escolas, famílias, comunidades e governos. A prepa-

ração para um mundo diverso não é apenas uma escolha ética, mas uma necessidade para enfrentar os desafios globais e criar um ambiente inclusivo e equitativo (BYRAM, 2008).

3. CONCLUSÃO

O trabalho analisou a evolução do conceito de gênero, destacando como o movimento feminista contribuiu para a compreensão de gênero como uma construção social. A distinção entre sexo (características biológicas) e gênero (características socialmente moldadas) foi enfatizada, revelando a importância de superar as normas de gênero estereotipadas.

Além disso, o trabalho abordou a promoção da diversidade como um imperativo social e cultural. Valorizar e respeitar as diferenças é fundamental para a construção de sociedades justas e inclusivas. A promoção da diversidade não é apenas retórica, mas requer ação concreta, como implementação de políticas inclusivas e educação.

Empoderar meninas e minorias de gênero foi outro tópico abordado. Isso envolve acesso à educação de qualidade, eliminação de estereótipos prejudiciais e a criação de oportunidades iguais para todos. O empoderamento também requer uma mudança cultural profunda para reconhecer a diversidade de gênero e respeitar a autodeterminação de cada indivíduo.

Prevenir o bullying e a discriminação, especialmente no ambiente escolar, é crucial. Estratégias educacionais que promovem empatia, resolução de conflitos e políticas escolares eficazes são essenciais nesse processo.

O desenvolvimento de empatia e respeito é fundamental para relações saudáveis e construtivas. Isso pode ser ensinado desde a infância, e a colaboração entre escolas, famílias e comunidades é fundamental.

Por fim, a preparação para um mundo diverso foi discutida como um desafio na era da globalização. A educação desempenha um papel fundamental na preparação das pessoas para compreender, respeitar e prosperar em um ambiente diverso, incentivando a consciência intercultural e a mentalidade aberta.

Esses tópicos são interligados e essenciais para construir uma sociedade mais justa, inclusiva e preparada para enfrentar os desafios da diversidade no mundo contemporâneo. É uma jornada que requer esforço coletivo e constante em todas as esferas da sociedade.

REFERÊNCIAS

BELO, Raquel Pereira et al. Correlatos valorativos do sexismo ambivalente. Psicologia: reflexão e crítica, [Porto Alegre], v. 18, n. 1, p. 7-15, 2005.

BHABHA, Homi K. O Local da cultura. 4. reimp. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

BYRAM, M. From foreign language education to education for intercultural citizenship: Essays and reflections. Multilingual Matters, 2008.

BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução deRenato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CORRÊA, Laura Guimarães. 'Quem sempre troca a Maria?': transgressão e permanência dos papéis de gênero na publicidade. In: FRANÇA, Vera V.; CORRÊA, Laura G. (org.). Mídia, instituições e valores. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CORRÊA, Laura Guimarães; MENDES, André Mello. Inversão, desnaturalização e reforço de práticas de gênero em peças publicitárias. Intexto, Porto Alegre, n. 32, p. 136-155, jan. /abr.2015.

DAVIS, M. H. Empathy: A Social Psychological Approach. Routledge, 2016.

FERREIRA, Maria Cristina. Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. Temas em psicologia da SBP, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 119-126, 2004.

FERREIRA, Aurelio Buarque De Holanda. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FISKE, Susan Tufts. The Handbook of Social psychology. Boston: McGrawHill, 1998.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Gráal, 2007.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JOHNSON, L. M. Empowering Girls and Gender Minorities: Strategies for a More Inclusive Society. London: Routledge, 2019.

MESQUITA FILHO, Marcos; EUFRASIO, Cremilda; BATISTA, Marco Antônio. Estereótipos de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos. Saúde Soc., São Paulo, v. 20, n. 3, p. 554-567, 2011. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/sausoc/2011.v20n3/554-567/. Acesso em: 11 out. 2023.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena. Representações do feminino na publicidade: estereótipos, rupturas e deslizes. Chasqui - Revista Latinoamericana de Comunicación, n. 134, p. 181-200, abr./jul. 2017.

OLIVEIRA, Danielle Cristina; SOUZA, Lidio. Gênero e violência conjugal: concepções

de psicólogos. Estudos e pesquisa em psicologia, Rio de Janeiro, ano 6, n. 2, p. 34-50, 2. sem. 2006.

ROSO, Adriane et al. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. Psicologia & sociedade, [Porto Alegre], v. 14, n. 2, p. 74-94, 2002.

SCOTT, Joan Wallach. Gender and the politics of history New York. Estados Unidos da América: Columbia University Press,1995.

SMITH, P. K.; STEFFGEN, G. (Eds.). Cyberbullying through the New Media: Findings from an International Network. Psychology Press, 2013.

SMITH, J. Promoting Diversity: A Multifaceted Approach. New York: Academic Press, 2020.

TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins; DUMONT, Adilson (org.). Discutindo Relações de Gênero na Escola: reflexões e propostas para a Ação Docente. Araraquara, SP: Junqueira & Marin Editores, 2009.